

“SOU PROFESSOR”. ENTREVISTA COM PAULO VIDAL

*Thyell de Mattos Mascarenhas**
*Talita Baldin:***

RESUMO

Nesta entrevista, realizada no âmbito de um trabalho de grupo sobre pesquisa acadêmica em uma disciplina do curso de Psicologia, o Psicanalista e professor Paulo Vidal responde a questões sobre a natureza da pesquisa científica, as diferenças entre Psicologia e Psicanálise, a relação entre clínica e pesquisa, e o estatuto da psicanálise como profissão. Constitui-se enquanto um testemunho da generosidade e da humanidade que lhe eram tão características.

Palavras chave: Pesquisa; psicanálise; academia; formação; profissão.

“I’M A TEACHER”: INTERVIEW WITH PAULO VIDAL

ABSTRACT

In this interview, conducted as part of a group project on academic research in a discipline of the psychology course, the psychoanalyst and professor Paulo Vidal answers questions about the nature of scientific research, the differences between Psychology and Psychoanalysis, the relationship between clinical practice and research, and the status of psychoanalysis as a profession. It is a testament to the generosity and humanity that were so characteristic of him.

Keywords: Research; psychoanalysis; academy; training; profession.

“JE SUIS ENSEIGNANT”: ENTRETIEN AVEC PAULO VIDAL

RESUMÉ

Dans cet entretien, réalisé dans le cadre d’un projet de groupe sur la recherche académique dans une discipline du cursus de psychologie, le

* Discente de psicologia na Faculdade Maria Thereza, Niterói-RJ.

** Atriz, psicóloga e psicanalista, mestre, doutora e pós-doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Docente no curso de graduação em Psicologia da Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, e em diversos cursos de pós-graduação. Pesquisadora na área do envelhecimento humano, psicanálise e velhice e psicanálise e arte.

psychanalyste et professeur Paulo Vidal répond à des questions sur la nature de la recherche scientifique, les différences entre La Psychologie et La Psychanalyse, la relation entre la pratique clinique et la recherche et le statut de la psychanalyse en tant que profession. C'est un témoignage de la générosité et de l'humanité qui le caractérisaient tant.

Mots-clés : Recherche; psychanalyse; académie; entraînement; profession.

“YO SOY UN PROFESOR”: ENTREVISTA CON PAULO VIDAL

RESUMEN

En esta entrevista, realizada en el marco de un proyecto grupal sobre investigación académica en una disciplina del curso de psicología, el psicoanalista y profesor Paulo Vidal responde preguntas sobre la naturaleza de la investigación científica, las diferencias entre Psicología y Psicoanálisis, la relación entre la práctica clínica y la investigación y el estatus del psicoanálisis como profesión. Es un testimonio de la generosidad y humanidad que lo caracterizaban.

Palabras clave: Investigación; psicoanálisis; academia; capacitación; profesión.

Paulo Vidal foi Professor Associado no Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense por quarenta anos, de 1984 a 2024, ministrando aulas na graduação e na pós-graduação *stricto sensu*. Atuava como psicanalista, era membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP-RJ). Comprometido com a prática clínica, o ensino e a transmissão da psicanálise, Paulo foi uma referência decisiva para uma geração de psicanalistas e psicólogos/os. Ético, muito culto, generoso e com um bom humor inconfundível, Paulo Vidal nos deixou no dia 03 de novembro de 2024. Desfrutou a vida até o último dia. Adormeceu à noite, em um sono sereno e, como um passarinho, voou em busca de novos horizontes.

Ele segue, porém, vivo nas sementes que cultivou pelas salas de aula, nas pesquisas, orientações de trabalhos acadêmicos, supervisões e nos atendimentos clínicos. Paulo Vidal virou mundo, se espalhou e segue vicejando. A publicação desta entrevista passou por uma rede de amor ao Paulo. Depois de sua partida, Talita Baldin, em um bonito gesto de acolhimento, comentou comigo sobre essa entrevista e fez chegar em minhas

mãos a gravação da conversa entre o Paulo e Thyell, realizada quatro dias antes de sua partida. Escutei o áudio tomada de emoção e de saudade. Nas conversas que se sucederam com Talita e com Thyell, encontrei força, abrigo e parceria para fazer esta entrevista alcançar mais pessoas. Assim, este texto, agora publicado, estende a vida do Paulo, lança mais longe a sua voz para que outros a peguem e, como diz o poeta, teçam novos(as) (a)manhãs.

Dizem que uma pessoa não morre enquanto alguém chamar seu nome. É por isso que, enquanto eu viver, chamarei: Paulo Vidal! Presente, hoje e sempre!

Com muito amor e com uma saudade que não cessa,
Marcia Moraes
Outono de 2025.

Marcia Moraes foi casada com Paulo Vidal por quase trinta anos. Juntos tiveram um filho, Gabriel Moraes. Foram tutores de gatos e de cachorros. Construíram juntos uma casa, um mundo de sonhos e uma vida inteira de amor, parceria e confiança. Marcia Moraes é Professora Titular no Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

Primeiramente, devo dizer que este é um trabalho que se escreve a muitas mãos. Eu, Talita Baldin (TB), inicio esta composição, e narramos em primeira pessoa, com a indicação de quem está falando. Chamarei os demais quando pertinente. Inicialmente, a entrevista e sua transcrição são produzidas pelo estudante do 9º período de Psicologia Thyell de Mattos Mascarenhas (TMM), que entrevistou Paulo Vidal (PV) no entardecer do dia 30 de outubro de 2024, uma quarta-feira, em seu consultório, quatro dias antes de seu falecimento. Minha participação se deu como professora da graduação em Psicologia, conduzindo uma disciplina de Técnicas de Pesquisa, na qual solicitei, como atividade da disciplina, o desenvolvimento de uma entrevista com um pesquisador na área de Psicologia, de modo que estudantes que cursam entre o 8º e 10º períodos pudessem se aproximar um pouco mais do campo da pesquisa no Brasil. Há, ainda, a escrita de Marcia Moraes (MM), também

pesquisadora e esposa de Paulo Vidal, que nos auxiliou com as costuras e os esclarecimentos sobre alguns dos comentários tecidos pelo professor.

TB: Como estudantes de uma instituição pequena, privada, meus alunos haviam tido pouco ou mesmo nenhum contato ainda com a área da pesquisa, e esta seria uma oportunidade para conhecerem outras perspectivas, para além da tradicional pesquisa bibliográfica, comum ao contexto da sala de aula. Por ter sido uma figura importante em meu percurso como pesquisadora, uma vez que tinha sido orientada no mestrado e no doutorado por Paulo Vidal, ele era muito citado em sala de aula. E, devo dizer, não só por mim, mas também por colegas oriundos do programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, de onde venho.

Há nestes estudantes, especialmente naqueles com intuito de seguir pela carreira acadêmica e ingressar em programas de mestrado, genuíno interesse em conhecer nossos mestres, e é neste contexto que Thyell me pergunta se eu poderia fazer a ponte entre ele e Paulo Vidal, de modo que pudesse entrevistá-lo. Feito o convite, Paulo prontamente aceita receber o estudante. Vale recordar que alguns anos antes era eu quem fazia algumas diversas visitas ao consultório/escritório/biblioteca de Paulo, onde era pontualmente recebida no horário previamente combinado - nem um minuto a mais, nem um a menos -, para falar de minhas pesquisas de mestrado e doutorado.

Nem Thyell, nem eu teríamos imaginado que estaríamos ouvindo, transcrevendo e trabalhando juntos com as palavras da última produção acadêmica de Paulo Vidal. Em sua última entrevista, ele nos oferece mais uma de suas aulas. Ao olhar para Thyell, tão jovem quanto eu era quando o conheci, recém-saída da graduação, me recordo do fascínio com que escutava suas palavras. E me pego, uma vez mais, me perguntando sobre o que vamos fazer com isso que, generosamente, Paulo Vidal nos entrega.

Dito isso, peço a Thyell que faça um pequeno comentário sobre sua estadia com Paulo Vidal, o que se segue nas próximas linhas.

TMM: Diante do convite para descrever em um parágrafo como foi a experiência de poder entrevistar Paulo Vidal, encaro um desafio: não transformar este parágrafo em algumas páginas. Como Talita comentou, ele

me deu uma aula. Hoje, volto a refletir sobre o conteúdo da lição. Aprendi com ele, quando lembrava do seu caminho acadêmico, sobre como ajudou a construir a pesquisa no Brasil. No entanto, aprendi, principalmente, sobre a psicanálise. Descobri que pesquisador e analista devem ser sinônimos; além do mais, o que é a análise se não um ato de pesquisa? Ouvi sobre uma psicologia que toca a rua e, ao mesmo tempo em que implica, é também implicada. Confesso que sofri ao ter que admitir que a pesquisa não é valorizada, e como o corte de bolsas impacta na possibilidade de se continuar produzindo. Entendi, no entanto, que, apesar dessas barreiras, a curiosidade faz com que continuemos mantendo aquela “posição histórica” de prestar atenção, no barulho do ar-condicionado que seja, até construir algo de novo, mesmo que seja um barulho/incômodo ainda mais forte. No fim, conversamos sobre um matemático, pelo visto amigo de Einstein, de quem ainda preciso procurar mais a fundo a biografia, pois, como ele disse em uma mensagem posterior, valeria muito a pena. Ele sabia bem que para o pesquisador não há nada melhor do que saber que mesmo a teoria mais completa possui uma inconsistência e, por isso, nosso trabalho continua. Nessas linhas, tentei transcrever com fidedignidade aquela conversa que tivemos em uma quarta à noite, mas confesso que falhei. Não consegui dar “letra” às gargalhadas, nem tom de voz ao seu “Ulalá”, e muito menos contorno ao seu interesse manifestado por perguntas que me fez no fim da nossa conversa. Após encontrá-lo, caminhei alguns quilômetros procurando um ponto de ônibus, mas acho que não era o ponto de ônibus que procurava, mas, sim, entender a oportunidade que tive, de tudo que ouvi e o que isso provocou em mim. E, agora, apesar da ausência, a memória de alguns minutos do seu ensino continua a ressoar em meus ouvidos e, acredito, que ainda mais forte em muitos que compartilharam anos de caminho. Penso que a dificuldade de Lacan, famosa entre nós, alunos da graduação, somada à leveza de Paulo, como percebi naquele dia, nos permite continuar - e continuará - construindo produções diferentes e cada vez mais potentes, pois, como pudemos concluir juntos, assim a pesquisa continua.

Thyell de Mattos Mascarenhas (TMM): Primeiro, novamente, queria agradecer a disponibilidade do senhor. É uma honra poder estar aqui com o senhor, conversando um pouco.

Paulo Vidal (PV): É uma graça para mim também.

TMM: Como a gente havia comentado, a ideia é de a gente entender um pouco como funciona a área da pesquisa no Brasil, e entender um pouco da trajetória do senhor pela pesquisa também. E, para começar, eu queria pedir se poderia se apresentar, falar sobre a área de formação e sua profissão.

PV: O meu nome é Paulo Vidal; eu tenho mestrado, doutorado e pós-doutorado. Eu entrei, ainda muito jovem, como professor da UFF e eu lido com psicanálise. Sobre a questão da pesquisa, “o que é pesquisa em psicanálise”, “o que é pesquisa científica, ou pesquisa acadêmica”... São dois temas aí. Como ligar e interligar os dois é uma questão. A pesquisa é inerente à psicanálise, e o motivo a gente descobre quando começa a ler Freud e como Freud começou. Freud foi aluno do Charcot, que lidava com sujeitos histéricos, e que não se descobria, ou não se presumia, uma causa. Não se conseguia, também, fazer grandes coisas. E Freud decidiu ouvir essas pacientes, esses sujeitos histéricos. Então, ele saiu de uma posição, que era a posição tradicional do médico, de alguém que já sabe, para aprender com esses sujeitos. A gente pode dizer que as histéricas ensinaram a psicanálise a Freud. As primeiras teorias de Freud são, mais ou menos, versões do que ele ouviu das histéricas e que ele foi ampliando. Então, a clínica psicanalítica e a pesquisa estão estreitamente interligadas. Agora, é uma questão bastante complicada com um outro tipo de pesquisa. Por exemplo, se a psicanálise é uma ciência. O Freud puxava para que a psicanálise fosse uma ciência. A aposta dele era de que há uma determinação nos sintomas. As pessoas sofrem com os sintomas, e isso tem uma determinação, tem uma causa. E essa é uma noção da qual a ciência não pode se livrar. Não é uma causa transcendental. Então, Freud apostava que há uma determinação que causa sintomas, que faz o sujeito sofrer, e essa causa é inconsciente. E o sujeito, vindo a saber aquilo que lhe causa tanto sofrimento, que é muitas vezes atroz, ele pode se virar com isso de outra maneira, mais produtiva. A psicanálise começou assim. Ela tem uma relação com a ciência, e a gente pode questionar isso inclusive com Lacan, e pode dizer também que a psicanálise se ocupa justamente daquilo que a ciência exclui, o que o Lacan vai chamar de

sujeito. E, quando eu falo “a ciência”, não existe “A Ciência”; só se pode usar “a ciência” no sentido comum de excluir o sujeito. Não sei se você viu, mas passou há pouco esse filme, *Oppenheimer*¹. Justamente no filme, o que aconteceu com Oppenheimer, e outros, foi que esse cara, um cientista, fantástico, inventa a bomba atômica - e nós sabemos as consequências. Nós somos a única espécie que pode destruir a si mesmo. Hoje em dia isso está se tornando um perigo que só aumenta. Então, a gente nota nesse filme, como o cientista, a princípio, pode sugerir-se estar fora daquilo, mas em certos momentos a questão retorna para ele.

TMM: Já trazendo essa questão de uma epistemologia da ciência e o que é ciência, e o que é pesquisa, uma das perguntas que eu iria fazer depois é sobre essa crescente onda de um cientificismo, positivista até. Como, hoje em dia, o senhor sente no seu fazer acadêmico outras formas de fazer, não ciência, mas de fazer ensino. Não sei se seria a melhor forma de dizer isso, mas a gente vê, por exemplo, a publicação daquele livro de uma cientista famosa, falando sobre a psicanálise²... Como é a absorção da academia com uma epistemologia que alguns chegam até a excluir?

PV: Isso é uma tensão e um conflito. Ela escreveu o livro e obteve respostas. Ela tem uma certa teoria epistemológica que, com todo o respeito que eu tenho, porque é alguém que durante a pandemia frisou e lutou para que fosse reconhecida a importância da vacina contra a Covid, mas ela tem uma noção de “A Ciência” muito baseada em evidências. Uma noção, como você disse, e que eu chamaria talvez de neopositivista. Eu acho que a gente tem que notar que não há “A Ciência”; no modo que ela coloca, exclui todas as ciências sociais. E ela exclui, também, certos ramos da física, de vanguarda da física, que não caberia na suficiência dela, o que inclui também a psicanálise.

TMM: Dentro da sua longa trajetória como psicanalista, professor, docente da UFF, pesquisador... qual é a profissão com que o senhor mais se identifica?

PV: É interessante. É fácil de responder, porque eu vou fazer uma distinção um tanto marota. Eu acho que ser psicanalista não é profissão,

então, eu sou professor. Psicanalista não é profissão. E aí entra outra também bela discussão, porque há uma oposição dos psicanalistas a que a psicanálise seja transformada em uma profissão que, para atuar como psicanalista, você tenha que ter requisitos tais e tais, um diploma e etc. Se há alguma coisa que une a maioria dos psicanalistas, é que somos contra isso.

TMM: Então, o senhor se identificaria mais como professor?

PV: É, se você me perguntar assim, sim. Você usou um termo "identidade". O psicanalista não tem identidade.

TMM: Como o senhor iniciou dentro da pesquisa na área da Psicologia?

PV: Eu fui para a Psicologia por causa da Psicanálise. Foi uma questão da minha família, tradicionalmente da área de saúde, de médicos, e um grande amigo do meu pai era psiquiatra e psicanalista; por tradição de meu avô, todos eram dessa área, médicos ou enfermeiras. Aí eu fui fazer Psicologia, o que não foi bem aceito pela família, mas tô aí, né!?

TMM: E logo que o senhor entrou na faculdade já foi para a iniciação científica? Eu vi que o senhor fez a faculdade na Santa Úrsula, né? A graduação.

PV: Sim.

TMM: E lá o senhor já entrou nessa parte de iniciação científica?

PV: Eu tenho um percurso anterior, porque eu fui de um jornal chamado *Opinião*. Eu, na época da ditadura, era muito jovem e eu entrei em contato com a psicanálise e outras coisas porque houve uma leva de psicanalistas argentinos que se exilaram no Brasil. Eu passei a estudar com um deles, aí eu fui secretário em uma instituição, o Ibrapsi³, e ali a gente estudava. Não era propriamente uma iniciação científica. Nessa época, especialmente em uma universidade particular, não tinha propriamente iniciação científica. Eu fui monitor, mas não tinha nem isso. Isso foi mais para a faculdade pública, e que entrou depois de uma certa época.

TMM: Como é ser pesquisador no Brasil?

PV: Uh lalá! Eu estudei fora. Eu fiz o que se chamou de DEA⁴, era um mestrado em Paris. E eu devo dizer que eu acho muito árduo no Brasil, porque a questão da pesquisa, para você publicar, para você ganhar bolsa, ainda mais quando é da área de humanas, é muito raro. Eu participo de uma pós-graduação na UFF em Psicologia e a gente tem pouquíssimas bolsas. É uma pena. Eu consegui, eu me formei, fui para o mestrado e tinha uma bolsa. Pagava o meu aluguel com a bolsa. E, hoje em dia, é muito mais raro. Então, é muito importante investir em ciência e tecnologia.

TMM: As pessoas que estão lá fazendo mestrado, doutorado, são mais sustentadas pelo desejo mesmo...

PV: Exatamente.

TMM: Quais são os impactos da pesquisa em Psicologia na construção da ciência psicológica, no contexto brasileiro hoje? Ou, qual o impacto da pesquisa que é construída, por exemplo, no programa de pós-graduação, com o senhor e seus alunos? Como isso chega ao nosso cotidiano, às vezes, à graduação, ou até para a construção de políticas públicas? Como que o senhor sente isso?

PV: Olha, isso já acontece, porque eu devo dizer que há uma capilaridade e se faz uma rede. Eu tenho alunos e também colegas que atuaram, trabalharam na rede de saúde, especialmente aqui em Niterói. A saúde mental em Niterói foi revirada graças à Psicologia. Era um mecanismo asilar e virou outra coisa, graças aos psicólogos, e a alguns psiquiatras também, e isso tem uma importância, vai atender a populações que estão em situação de imensa dificuldade e eu acho isso muito bacana.

TMM: Eu vi também no seu currículo que sua área de pesquisa é muito ampla. O senhor fala sobre psicologia social, um diálogo entre psicanálise e filosofia... Qual, hoje em dia, o senhor consideraria o seu principal foco de pesquisa?

PV: Olha, hoje em dia eu estou muito intrigado, e vou te dizer, com que tipo de sociedade, de laço social dominante, a gente está experimentando aí... Eu acho que é isso. Anos atrás chegou um aluno, muito legal, muito jovem, conversando comigo, e que me disse que ele era anarcocapitalista. Eu ainda não conhecia essa expressão. Perguntei para ele o que era. Eu conhecia o anarquista, mas anarcocapitalista me parecia uma antítese. E, agora, você vê como é alguma coisa que está cada vez mais hegemônica e dominante, e devo dizer que isso, especialmente pós-pandemia, motiva, também, as pessoas para que procurem terapia. É uma situação que eu vejo. Eu pego o Uber e o cara: "eu não quero ser empregado, não, ter que pagar imposto". É uma ideia de empreendedorismo "eu sou autônomo, eu construo" ou alguma coisa assim. E isso está muito forte hoje em dia.

TMM: Então, estaria mais voltado agora para uma pesquisa pensando o social e essa forma que a gente vem se estruturando?

PV: Sim. Porque o sintoma, devo dizer, é muito raro hoje em dia, de você encontrar os sintomas das pacientes de Freud. Os sintomas mudaram e os sintomas têm a ver com os laços sociais.

TMM: Na faculdade, quando a gente costuma pensar esse laço social, essas relações sociais, a gente, vez ou outra, tem mais um olhar da esquizoanálise do que da psicanálise. O senhor faz essa leitura pelo viés da psicanálise propriamente dita ou utilizando contribuições da esquizoanálise?

PV: Olha, eu conheço esquizoanálise, eu conheci o Guattari. Eu fui tradutor quando ele veio ao Brasil. Eu fui da Ibrapso e ele foi chamado para falar. E isso é uma coisa que, o que eu conheço da esquizoanálise, é uma coisa bastante complicada, porque eu considero que a esquizoanálise faz uma crítica à psicanálise, que é *uma* psicanálise, não é a psicanálise propriamente. Ao mesmo tempo, ela pega muita coisa da psicanálise. O Guattari fez análise com Lacan! Eu acho que eles são muito otimistas. Ainda é alguma coisa dos anos 1970, da revolução... A minha crítica, é que não parece que seja bem assim.

TMM: Se a gente perguntasse sobre o ônus e o bônus de ser pesquisador hoje no Brasil, o que o senhor diria?

PV: Olha, a gente é pesquisador porque a gente é causado por algum desejo. Alguém que atue como analista não pode não ser pesquisador, porque você chega, ouve uma pessoa e depois fica pesquisando. Você vai ler, vai anotar, vai conversar com outros, fazer um grupo de estudos... Faz parte. É diferente de certas atividades mais técnicas. Por exemplo, há sujeitos que dizem que “ah, é isso, toma isso aqui”. Infelizmente, é um caminho que uma parte da medicina tomou. Eu conheço pessoas que têm 30, 40 pacientes esperando, aí você fica 10 minutos com cada um e tem que dar um medicamento. E quem vai pela psicanálise não vai por esse caminho. A pesquisa faz parte. E até porque não é só o analista que pesquisa. Na verdade, é o próprio sujeito que pesquisa. O sujeito vê que ele sofre e ele começa uma análise quando ele leva em conta que, se ele falar e se ele levar em conta o que ele próprio fala, ele pode chegar a saber o que causa o sofrimento dele, os sintomas, e então lidar com esses sintomas. Fazer uma outra coisa.

TMM: A gente poderia dizer que a análise é um ato de pesquisa também, então?

PV: Sim, exatamente. E é muito curioso, porque os próprios sujeitos que fazem a análise dizem: “ah, agora descobri isso”. E isso é o que eu acho que une quem faz psicanálise.

TMM: Muito interessante. E, trazendo para esse olhar da psicanálise, do processo analítico, enfim, se a gente pensa também, por exemplo, o analista nesse local de análise, ele também é aquela pessoa que pesquisa, mas sem querer revelar o significado para aquele paciente, porque quem tem a verdade do sujeito é o próprio sujeito. O senhor acha que no processo de produção de conhecimento, de pesquisa, o pesquisador se coloca também nesse local de não necessariamente trazer uma verdade sobre aquele objeto sobre o qual ele está se inclinando para poder pesquisar?

PV: Se ele trazer uma verdade, se ele se coloca nessa posição, ele não está como analista, ele está como pastor, como padre, como outra coisa... Como mestre.

TMM: De repente, então, o papel da pesquisa nunca vai ser trazer uma resposta, mas mais uma interrogação, pensando por esse olhar...

PV: Há uma ideia de que a interpretação psicanalítica - uma brincadeira - é você colocar três pontinhos. Alguém fala alguma coisa, e você coloca três pontinhos. Então, a pessoa fala: "A"... e não conclui. Os três pontinhos... e a pessoa prossegue. É o famoso corte.

TMM: Qual foi o maior desafio do senhor ao entrar no processo de pesquisa no Brasil?

PV: Teve um período em que a Psicologia da UFF, e de outros lugares também, saiu do enclausuramento. Até os anos 1980, a Psicologia ficava dentro da Universidade, mas saiu para o espaço público, para a área de saúde, para a chamada saúde mental. Então, esse foi um momento barra pesada, mas muito produtivo. Eu, por exemplo, atuei em um manicômio judiciário e aprendi muito. E também meus alunos vêm de vários locais... Do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, CAPS... É uma coisa que afeta muitos alunos. Quando você está no CAPS e você é o psicólogo, você é a referência para alguns pacientes. E você ouve coisas, e são drogas pesadas... é uma posição muito difícil. Você é afetado.

TMM: Qual o maior desafio que o senhor vê dentro da área da pesquisa com que vamos nos deparar?

PV: Eu tenho um interesse particular, que tem a ver com a minha história, de lidar com sujeitos psicóticos. É uma coisa que eu lido já há algum tempo e eu acho interessantíssimo. Mas é muito barra pesada.

TMM: As experiências que eu tenho tido dentro da área acadêmica, não só o que eu tenho lido, mas também dos programas de pós-graduação, geralmente estão relacionados à saúde mental, à saúde coletiva. O senhor acha que, atualmente, é o maior enfoque da psicologia na pesquisa?

PV: Hoje em dia, a Psicologia e a Psicanálise estão muito voltadas a levar em conta que há uma diversidade. Então, o meu programa de pós-graduação mudou muito quando entraram pessoas negras, deficientes; essas pessoas, professores e também alunos, ou seja, pessoas que são e também que lidam com. Esse é um campo que eu acho muito interessante.

TMM: A Chimamanda⁵, com *O Perigo da História Única*, fala um pouco sobre isso. Quando a inserção de uma fala, de uma história diferente, abre uma possibilidade de discursos outros. A Cida Bento⁶ também fala sobre isso. De fato, esse processo de abertura para outras pessoas, dentro da instituição, dentro da graduação, da pós-graduação, também enriquece os assuntos a serem tratados.

PV: É! A universidade na qual eu entrei como professor não tinha professor negro. E mudou. Até porque, para ter professores negros, precisava ter alunos negros também.

TMM: Para finalizar, queria saber se o senhor acha que teria alguma outra coisa que o senhor gostaria de trazer.

PV: Não tem nada na minha cabeça, mas eu achei muito interessante.. Te ouvindo, você é um pesquisador, você é curioso. Eu acho muito importante. Não sei se você se lembra, em *Oppenheimer*, do Albert Einstein. Ele estava com um pesquisador, matemático, e ele tem uma conversa com ele.

TMM: Não me recordo.

PV: Uma coisa que me interessa muito na Psicanálise é que a Psicanálise lida com as falhas. Eu acho que o pesquisador tem que apontar e levar em conta as falhas, a incompletude, essas coisas. Eu falei do filme, do Kurt Gödel. O Kurt Gödel era matemático. No final do século XIX e início do XX, havia um projeto que era até ligado ao surgimento da Inteligência Artificial, e que dizia que, se você tivesse alguns axiomas e regras de interesse, você poderia inferir toda a matemática. E aí o Gödel,

que era muito jovem, escreveu um artigo de 20 páginas dizendo que, se você constrói uma teoria consistente, ou seja, que não é contraditória, ela é incompleta. Tem que ter pelo menos uma proposição que não seja justificada pelo sistema. E, com isso, ele destruiu a ideia de que você pode fazer uma ciência completa. E o pesquisador, como ele também era, o verdadeiro pesquisador, é aquele que descobre o ponto de falha, como ele descobriu nesse projeto de fazer uma matemática. Ele era fantástico. Não sei se você conhece a história dele. Naquele filme, ele aparece com o Einstein, mesmo. Ele teve que fugir da Áustria, da Europa, e veio para os Estados Unidos como celebridade. Ofereceram para ele ganhar a cidadania americana, porque seria importante um cientista, um cara como ele, que se tornasse um cidadão americano. Só que, para receber a cidadania americana, ele tinha que ir enfrentar um juiz. Era bem simples: ele tinha que ler a Constituição Americana e responder a algumas perguntas. Para um cara que era matemático, que fez aquilo que ele fez, um professor de física, ler a Constituição Americana?! No dia anterior a que ele iria ter esse encontro com o juiz para se tornar cidadão americano, ele ligou à noite para Einstein e falou assim: "olha, desculpem, descobri que há um ponto na Constituição Americana que tem uma incompletude, uma falha que pode permitir que esse país se torne uma ditadura". Aí Einstein falou: "tá bem, mas você não vai colocar isso aí não amanhã, tá?". Quando ele chegou lá, o juiz falou, "ah, o senhor veio da Europa, da Áustria, e agora os nazistas estão lá, ocupando tudo, mas o senhor não precisa ir para lá, isso jamais vai acontecer aqui". Aí, ele ia levantar o dedo para dizer que tinha um ponto e o Einstein...

TMM: Um pesquisador, de verdade.

PV: Exatamente. A posição do pesquisador é uma posição histórica. É uma coisa engraçada... Você atende pessoas?

TMM: Atendo no Serviço de Psicologia Aplicada da faculdade.

PV: Uma coisa muito interessante é que, quando você atende um sujeito histórico, ele vem, e se você tem uma pequena falha no seu ar-

condicionado, é muito importante que ele descubra que você tem uma falha. Então, a posição do pesquisador é uma posição histórica. Não que seja um histórico, é uma posição. Com isso, se você descobre uma falha no sistema como a que o Gödel sacou, em que você tem uma proposição que escapa às inferências do sistema, e se você puxa essa proposição, você pode construir outra teoria. E essa teoria, por sua vez, não vai ser completa, *ad infinitum*, nunca vai existir uma última teoria.

TMM: E a pesquisa nunca termina.

PV: Perfeito.

TMM: Professor, eu queria agradecer a sua disponibilidade de estar aqui, de conversar com a gente. Sei que a vida do senhor, acredito que seja muito corrida, que tenha muitas atividades. Como uma pessoa que é um professor, professor da pós-graduação da UFF, que deve ser uma pessoa que tem muita coisa para fazer, vai ter um tempo para poder olhar para mim, um mero aluno da graduação. Então, muito obrigado, foi uma demonstração da humanidade da pesquisa, que, sinceramente, eu vou levar para a minha vida toda.

NOTAS

- ¹ Filme lançado em 2023, escrito e dirigido por Christopher Nolan, conta a história de Oppenheimer, físico creditado como o pai da bomba atômica, por seu papel no Projeto Manhattan.
- ² Menção ao livro de Natalia Pasternak e Carlos Orsi, *Que bobagem: pseudociência e outros absurdos que não merecem ser levados a sério*.
- ³ Instituto Brasileiro de Psicanálise.
- ⁴ Diploma de Estudos Avançados (DEA) é um antigo diploma universitário existente na França entre 1964 e 2005 e em países que seguem o modelo francês de ensino superior. Hoje, é equivalente a um segundo ano de um grau de mestrado.
- ⁵ Chimamanda Ngozi Adichie (Nigéria) é, atualmente, uma das maiores vozes da literatura africana. Adichie falou sobre “O perigo das histórias únicas” no TED em 2009. Em março de 2012, realizou a palestra “Conectando Culturas” no evento Commonwealth Lecture 2012 at the Guildhall, em Londres; ainda em

2012, proferiu uma palestra feminista no TEDxEuston, intitulada "Sejamos todos feministas", discurso que se tornou um livro homônimo, em 2014.

⁶ Maria Aparecida da Silva Bento, psicóloga e ativista brasileira, é diretora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), que atua na redução das desigualdades raciais e de gênero no ambiente de trabalho. Desde o seu doutoramento tem dialogado com a temática da branquitude e a formação da sociedade brasileira. Suas contribuições versam sobre a necessidade de pensá-la por meio das implicações individuais e coletivas, sobretudo de pessoas brancas privilegiadas em uma sociedade permeada pelas violências raciais.